

PORTINARI: pontes vivas para as aprendizagens escolares¹

por Célia Linhares²

Abismos entre arte e escola:

“Qual o valor de nosso patrimônio cultural, se a experiência não mais o vincula a nós?”

Walter Benjamin

Estamos exaustos das oscilações que nos fazem habitar entre imaginários de que fomos e somos um país do futuro, com promessas de nos aproximarmos dos padrões econômicos, tidos como os mais ricos e desenvolvidos do universo ou de que carecemos de muita produção, muito empenho e disciplina, muita escola e aprendizagem para nos recompensarmos de uma imensa pobreza que nos acompanha, de forma congênita com esta civilização.

Além da exaustão pela escuta desses argumentos, também nos sentimos humilhados com a insistência e, sobretudo, com a penúria de sua elaboração, pois pertencemos a um país que, apesar de suas riquezas naturais e culturais, permanece cindido por uma desigualdade que se consolida com sentimentos hierarquizados, acimentados por privilégios, demonstrando que, na prática, uns são mais iguais que outros.

Por isso mesmo, entendemos que este jogo empatado, com que o Brasil vem

sendo incensado mas, também, encostado às margens da história, sempre vendo suas possibilidades acenarem, se aproximarem e, às vezes, até se concretizarem, para logo se dissolverem e recuarem na voragem consumista de novidades que confirmam o quanto estamos travados por processos de anomias, de descrenças e depressões nos quais se desperdiçam patrimônios culturais e artísticos de excepcional valor.

A escola pública brasileira é uma das instituições que urge por ser ressignificada, para que as configurações sociais, que irão definir o próprio lugar do Brasil, num mundo cada vez mais, contraditoriamente, estreitado e globalizado, possam ser redesenhadas com mais afeto e entendimento das complexidades que nos constituem, não dispensando, portanto, a valorização dos conhecimentos, das artes, das tecnologias e das políticas, como entrelaces de nossas autonomias.

O Governo Lula tem atentado para estas questões e as políticas sociais e educacionais dão sinais de que velhos problemas da educação e da escola estão sendo tratados. Mesmo assim, não podemos fingir desconhecer que a pujança das estruturas seculares de opressão não cede facilmente e nem, tão pouco, se deixa abater por medidas

pontuais e lineares.

Ao lado de tantas companheiras e companheiros, somos das que acreditam que não podemos arrancar o Brasil desses impasses, sem restituirmos ao seu povo e, especificamente, aos nossos professores e estudantes, esse insofismável tesouro que a experiência política, teórica, cultural e estética tem nos legado, como um convite a nos apropriarmos mais do Brasil e, assim, em relações de reciprocidade, apropriarmos-nos, também, mais de nós mesmos.

Um dos merecidos destaques neste acervo se endereça para a obra impar de Candido Portinari, como um dos maiores pintores da brasilidade, que se fez pintor, pintando as diversidades do Brasil, fundindo em suas telas, aquarelas, desenhos e painéis, conceitos artísticos e políticos, em que revive a história das artes plásticas, vivificando memórias e reminiscências do nosso povo e de nossa história.

Uma obra gigantesca mas, ao mesmo tempo, molecular, intersticial, só possível de ser esteticamente amalgamada, graças ao mergulho, nessa brasilidade mestiça, de um pensador e artista apaixonado que não se descolou de suas experiências infantis, familiares e políticas.

Essa riqueza se magnificava e se magnifica pela

finesse extrema e pela acuidade amorosa desse artista em captar os movimentos com que foi cartografando, de forma aberta, corpos e corações de uma sociedade viva, com suas contradições e promessas, em incessante devir.

Portanto, a pobreza brasileira também é fruto de uma sonegação das experiências artísticas que precisam conviver com os cotidianos populares e, particularmente, orvalhar com esperanças e vãos estéticos a humanidade das crianças, dos jovens, dos adultos e dos idosos que, agora como nunca, habitam e circulam em nossas escolas.

Escolas e seus investimentos de esperanças

Os retirantes vêm vindo com
trouxas e embrulhos
Vêm das terras secas e escuras;
pedregulhos.
Doloridos como fagulhas de
carvão aceso.

Candido Portinari

Como vivemos num tempo em que as inseguranças, dúvidas, polêmicas e ambivalências crescem, frenticamente, embaralhando as fronteiras entre acertos e erros, entre relatividades crescentes e dogmatismos sem medida, fazendo conviver, mas também confrontar medos e esperanças, não podemos deixar de assinalar uma quase unanimidade quando se trata de afirmar a

relevância escolar.

Assim, ricos e pobres, brancos, negros, indígenas, gays, lésbicas, homo e heterossexuais, judeus e palestinos, e, todos nós, mestiços, crianças, adultos e idosos, camponeses e cidadãos demandamos por escolas, nelas investindo, por considerá-las necessárias, indispensáveis mesmo, para alguma possibilidade de futuro planetário, vital e humano.

Se esta unanimidade em torno da escola expressa um desejo, em crescente expansão, extremamente arraigado no imaginário social, vem, por isso mesmo, sendo aproveitada para produzir um discurso concordante, quase monolítico, que atua na direção de acelerar ações imediatistas da escola, que mais das vezes, atropelam as criações, os entendimentos e intervenções de outro tipo, nos desafios deste tempo que nos constitui e que não aceita reproduções de modelos.

Portanto, urge questionar essa unanimidade, que com a máscara de concordância, esconde conflitos e antagonismos de ações e políticas sociais, repercutindo nas práticas escolares. É tempo de submetê-la a um debate público sistemático, capaz de desenterrar muitas razões secretas dessa pressa compulsiva e desta unilateralidade dos caminhos escolares por resultados pré-determinados, mostrando, por exemplo, como se reforçam desigualdades, pela via de uma submissão e apatia que tantas

vezes são impostas às escolas e nas escolas, mesmo sob a defesa de tratar-se do único caminho para a “educação dos pobres”.

Tal é o caso, por exemplo, de uma concepção utilitária que faz da aprendizagem escolar algo a ser alvejado e conquistado pontualmente e a qualquer preço, ampliando na escola, práticas autoritárias com aplicações fechadas de ensino-aprendizagem, onde os sujeitos não contam, nem, muito menos, suas relações com a vida e as premências de sua contínua criação, como um processo libertário, envolvendo educadores e educandos nos fluxos vivos.

Assim, com sacrifícios das curiosidades, dos desejos e das alegrias de aprender e ensinar, alicerces da autonomia com que se nutre a capacidade de criação ética, tantas vezes, aplicam-se reformas educacionais e conteúdos instrucionais, em que prevalecem os estímulos às mesmices em que se ausentam os problemas vivos, as angustias, ansiedades e medos, obliterando o pensar, o experimentar, o tentar, o contornar situações para reinventar outras possibilidades de aprender e de viver.

Além disto, com este aparato bélico ou bancário, como tanto insiste Paulo Freire, a escola funciona como um trator que, mesmo obsoleto, é usado para pisotear pistas e germes de projetos de vida, tanto dos docentes,

como dos discentes e, com eles também, os sonhos maiores e as contribuições animadoras de um outro Brasil que já pulsa em nosso cotidiano como insurgências de outras realidades.

Com esses processos de banalização da escola, os deslumbramentos com a vida e com suas mediações ficam soterrados e violentados, facilitando a produção de subjetividades rebeldes e violentas ou inertes e submissas que pouco poderão contribuir com exercícios de cidadania, tanto para estetizar nossa própria existência, como revitalizando esta realidade brasileira.

Ora, esta tendência à mecanização e à burocratização autoritárias da escola está ancorada numa velha tradição conservadora, remodelada por novos defensores que pregam um tipo de darwinismo social, considerando ser esta uma das maneiras mais eficientes, mais rápidas para a preparação não só de uma mão de obra de que o mercado precisaria, mas para a resignação daqueles que irão sobrar, se este globalitarismo³ for mantido.

Mas bem sabemos que contradições e ambigüidades constituem múltiplas dimensões da realidade, intensificadas nas formas atuais de viver, de produzir, de amar, de estetizar a vida e de cuidar da própria existência, como obra de arte.

Esse é um dos temas que cobra atualizações e po-

tencializações nas escolas contemporâneas como aliadas de deslocamentos que vão reinventando uma democracia mais ativa e participativa, uma escola mais apaixonada e apaixonante.

Nesta direção, a arte é uma convidada especial para compartilhar a invenção de uma outra instituição escolar. A escola, ao contrário de declarações raivosas, não precisa ser exterminada ou destruída, mas vivificada em seus antigos sonhos de libertação, em que os processos de diferir, de criar passem pelas delicadezas de quem experimenta a busca de belezas sempre presente na vida.

Busca de beleza que se conjuga com uma amorosidade pelos outros. Outros, estranhos e estrangeiros, em seu próprio país, como os retirantes num mundo em ebulição e num país como nosso que, ainda pedem que o conheçam, em intercâmbios cognitivos e afetuais: ele nos afetando com suas realidades plurais, muitas, tão próximas de nós, capazes de nos provocar assombros, que poderão ser restituídos, afetando-o com outros fios que irão compondo, com a participação de estudantes e professores, este Brasil que fazemos a nossa imagem e semelhança, como também ele assim nos faz.

Nesta perspectiva, a arte, cada vez mais, se recusa a ser produzida para uma contemplação passiva, em domíni-

os circunscritos às elites refinadas. Se não há redomas para o biopoder incorporar, reificando a produção artística, também não podemos minimizar os movimentos históricos da arte para impregnar patrimônios vivos que compõem e vitalizam as riquezas sociais.

Afinal, todas e todos sabemos, o quanto a arte é fundamental para a elaboração dos lastros e sentidos comuns e incomuns, para a formação e vitalização de vínculos de pertencimento a um grupo, a uma nação, a um povo e, que, portanto, não pode continuar desperdiçada. Todas e todos sabemos, o quanto a arte é indispensável à vida humana, ao encontro e à configuração do mundo e de cada um de nos, afirmando-nos como intersubjetividades solidárias e abertas às incluídas do que vem vindo.

Sem a arte, qualquer país, mas aqui destaco o Brasil em particular, terá dificuldades de fortalecer seus instrumentos de sociabilidade, contornando e enfrentando as desigualdades, as fragmentações e as violências que nos amedrontam, nos fazendo esquecer que a firmeza e a ternura são movimentos também estéticos, com que aprendemos a confiar e a revigorar a vida e as nossas vidas.

Nesse sentido, o Brasil espera da arte que ela se entranhe nos nossos cotidianos, nos ajudando a fazer de nossas vidas, tão fraturadas, embaralha-

das, contraditórias e desejantes, obras estéticas, com que construíamos este nosso país, como uma contribuição singular e plural do Brasil à humanidade.

Infelizmente, o perigo ronda a escola que poderá ter a prevalência tanto de um tipo de formação que facilite a abdicação da cidadania, trocada pela fidelidade a um patrão ou a uma organização, com garantia de alguns empregos ou fortalecer ânimos e equipamentos sociais e políticos que, ao invés de fomentar medrosos, deprimidos, subalternos, rebeldes, delinquentes, inimigos de qualquer projeto civilizatório, propiciem a formação de mulheres e homens cooperantes, inventores da vida, desde os seus miudinhos, e por ela responsáveis.

Por isso é tão importante debater esta convergência de opinião que, embora conte com afirmações que vão em direções antagônicas, têm exercido para a grande maioria das instituições escolares uma terrível blindagem, tentando emparedar portas e janelas contra os movimentos de diferir e de instituir outras possibilidades de escola.

As esperanças e as expectativas sociais que se dirigem a esta instituição, embora confluentes, estão muito longe de serem uníssonas. Se há pressões para fazer da escola uma fábrica de continuísmos, ou seja uma instituição prevalentemente reprodutora, há também outras forças que, afe-

tadas pelas urgências sociais de nosso tempo, pelos legados éticos que nos chegam dos que sonharam e lutaram antes de nós, enfim, por tantas forças sociais que têm investido na escola como uma instituição, indispensável ao fortalecimento dos povos, bem como para a realização de subjetividades em que o conhecer e o aprender sejam atividades entrelaçadas com desejos éticos, estéticos, políticos.

Portanto, embora haja uma convergência em afirmar a importância da escola, as necessidades e os desejos, a serem atendidos por ela, são diversos. Mas para as grandes majorias, atendidas pela escola pública, e investidas pelas prioridades do Governo Lula, há um certo cansaço com os modelos ultrapassados e esgotados de escola. Crianças, jovens, adultos e idosos repetem em palavras e em atitudes: “não queremos mais do mesmo”.

Afinal, elas bem que interferem que outras escolas estão surgindo e se articulando com outros mundos existentes e em gestação dentro deste nosso Planeta, cansado de guerras. Portanto, importa tornar mais claro o desejo popular de uma escola que não seja uma preparação qualquer para qualquer tipo de vida, definida com antecedência.

Os que estão na escola pública desejam uma escola viva, capaz de nos comover, de nos vincular uns aos outros, reconhecendo-nos como legíti-

mos outros⁴, ensinando-nos a usufruir, a compartilhar e a produzir belezas com nossas vidas e, assim, nutrir sonhos que nos convidem a participar nos fluxos de criação vital e a não desistir na busca da expansão da liberdade. Aliás, é bom lembrar que livros, como mediadores de saberes, expressam em seu significado etimológico, com o prefixo latino líber, essa busca de liberdade.

Se esta urgência de arte, como uma ventania benfazeja, que ligue ciências e existências, culturas e tecnologias, saberes e sabedorias, está presente em todas as nossas escolas, a arte se faz uma exigência de todos os que desejam uma escola aprendente e ensinante, capaz de escutar e revitalizar tendências que investem em subjetividades cooperantes e, não só usuárias dos conhecimentos e técnicas, mas participantes, socialmente, nas deliberações de seus rumos, articulando-se com múltiplas insurgências cognitivas, artísticas e inclusivas que vão sendo gestadas cotidianamente.

“Pássaros de papel” nas ventanias das escolas

O que me surpreende é o fato de que, em nossa sociedade, a arte tenha se transformado em algo relacionado apenas a objetos e não a indivíduos ou à vida (...). Mas a vida de todo indivíduo não poderia ser uma obra de arte? Por que uma

mesa ou uma casa são objetos de arte, mas nossas vidas não?⁵

Michel Foucault

No primeiro item, discutimos alguns impasses do que vimos chamando de “esgotamento de uma velha escola”, sufocada por tradições conservadoras e manipuladas por interesses globalitários (econômicos, políticos, culturais), que se constituem em desafios, só superáveis por atuações e criações comuns e incomuns, que nasçam e, reciprocamente, se alimentem de desejos responsáveis de sujeitos coletivos e existenciais aprendentes, com as próprias experiências, em que vão se constituindo ao constituí-las.

Assim, tomamos emprestada a poética de Portinari, inscrita em sua pintura e em suas palavras, quando ele nos convida a reeditar a infância e com ela a liberdade concreta de realizar outros mundos, onde a linha de costura leva o menino até o infinito, abrindo-lhe caminhos para experimentar tantos outros níveis com que realiza sua humanidade. Assim, a arte nos possibilita ultrapassar rotinas e atarefamentos prescritos por tantas ordens de sobrevivência sem negá-los, ao excedê-los, perspectivando sonhos, fugindo das miopias dos que só enxergam as ordenações rotineiras, enfim, expondo-nos aos inesperados da vida.

Aceitando o convite

daquele menino chamado Candinho, percebemos uma definição de arte como um tipo de vôo de liberdade que não se descola dos pés no chão, nem dos acoramentos forçados pela vontade de fazer os “pássaros” voarem, reconhecendo as urgências de se dialogar com as oscilações dos ventos. Logo num relance se vê o quanto as posições são várias, imprevisíveis, mas também como a leitura do céu e da terra se fazem com os sentidos aguçados dos desejos, organizando e reorganizando os movimentos infantis.

Pássaros de papel



Agosto era o mês do vento, o mês de soltar papagaio e balão. A linha de costura desaparecia no céu.

Candido Portinari

Mas, logo uma série de outras telas nos mostram a coragem e a doçura de Portinari, expondo sonhos e medos que o vento leva e traz.

Sonhos e medos



Começávamos a abrir os olhos para a vida. Uma vida povoada de sonhos, de cansaços e grandes medos.

Candido Portinari

O vento



Durante o dia. Contavam para nós histórias de lobisomem e almas do outro mundo. A noite o sopro do vento no campo nos apavorava.

Candido Portinari

Cândido Portinari soube metaforizar, esteticamente, sentimentos inquietantes e, por isso, muitas vezes dis-

simulados, desentendidos e esmagados na infância, na juventude, na adultez, na velhice. Sentimentos que não podem ser desconhecidos pelos educadores e educandos na condução de seus processos formadores.

Brinquedos, imaginários, fugas da realidade para transfigurá-la, medos e sonhos são alguns desses temas que a educação não pode postergar e que urgem por serem trabalhados, como problemáticas da vida social, humana que atingem níveis assustadores em nossos dias.

Mas quantas maravilhas, "humanas, demasiadamente humanas" estão presentes nas obras de Portinari, nas "Histórias de menino", só para começar com os começos que se renovam em nós, nos provocando não somente para discussões, pois estas, podem ser desviadas para competições e contendas verbais, mas, sobretudo surpresas, como convites de criação que ampliam nossa humanidade.

O lugar do amor, por exemplo, tema tão cobiçado e temível que assusta e magnetiza nossas crianças e jovens, encontra em Candinho um tratamento de alta beleza.

Moreninha



Namoro de criança é poesia que transborda. Amei muitas primas

Candido Portinari

O que Portinari carrega como um manancial inesgotável é sua maneira de nos oferecer sua paixão pela vida e pela vida compartilhada, como um ensejo para melhor conhecê-la e nos deslumbrarmos com ela, com suas dores e alegrias, sempre capazes de se misturarem uma na outra e de se alternarem uma pela outra.

Isto quer significar que a presença da obra de Portinari pode mobilizar a vida da escola, de seus educadores e educandos, através de comoções estéticas, que precisam ser também aprendidas. Afinal, seu pensamento genial e sua sensibilidade tocante, além de cartografar os corpos em movimento do Brasil, capta e enreda as generosidades e as confluências das paisagens sociais brasileiras e com elas da

própria humanidade em seus apelos de paz.

Daí o esplendor, ao mesmo tempo assombroso e enternecedor, dos seus painéis "GUERRA E PAZ", expostos ao mundo, na entrada da sede das Nações Unidas. Também aí, como em suas telas várias, tem vigência a vida como fome incessante de comunicação, pedindo um incansável e um requintado esforço, para metaforizá-la, mas também para reconhecê-la e acentuá-la, como um sopro inquieto de vida, uma provocação ao exercício de uma das mais inexoráveis maneiras de dignificarmos a existência, o mundo e nos dignificarmos neles e com eles.

É impossível não lembrar Adélia Prado, quando também poetiza:

"Não quero nem a faca, nem o queijo, quero a fome."

Quantas lições poderemos proporcionar aos nossos professores e estudantes com a convivência de Candido Portinari entre as experiências escolares?

As pesquisas educacionais vêm confirmando que não aprendemos sem redes complexas de relações, sem vontade, sem questões, sem dilemas e necessidades que façam sentido para nossas vidas. Memorizações rígidas pouco ajudam no encaminhamento e enfrentamento dos desafios. Urge pensar e sentir, como ações entrelaçadas

historicamente para irmos produzindo sinergias educacionais e políticas que potencializem as aprendizagens, como modos de sentir, pensar e atuar na vida, modificando-a.

As escolas estão cansadas de cartilhas e manuais simplificadores; professores e estudantes querem aprender e ensinar participando das vidas e das mortes de Candido Portinari, que trabalhou intensamente, para legar ao Brasil esta cartografia de arte que não pode ser desperdiçada.

Tudo isto nos leva a propor para ampliar as condições de aprendizagem e ensino nas escolas públicas brasileiras, mediá-las com encontros, exercícios dialógicos entre estudantes, professores e Portinari. Para isto recomendamos alguns passos, como um convite para pensarmos funcionalidades dessas aproximações entre Portinari e a Escola Brasileira e vice-versa, que a seguir, esboçamos:

1. O porto de partida seria, por um lado, as inquietudes, as problemáticas e as curiosidades enfrentadas existencialmente pelos estudantes e seus professores que atravessam os processos de aprender e ensinar nas escolas; por outro lado, Portinari estaria presente, através de sua obra, registrada no Catálogo Raisonné. Neste relevante instrumento, que é sem dúvida uma extraordinária conquista

do Projeto Portinari, que, em 2009, completa 30 anos de ininterrupta atividade e dedicação, está organizada toda sua obra invulgar, constituída de mais 5.000 telas, desenhos, aquarelas e pinturas. Nelas transbordam, em suas metáforas, proporcionalidades, ritmos e cores, perplexidades extremas, contradições candente e uma inabalável confiança no Brasil e nos brasileiros.

2. Com este horizonte, um dos primeiros passos seria constituir grupos de estudantes, que tenham em comum o pertencimento aos mesmos ciclos de vida (infância, adolescência, juventude, adultez) e professores, que tenham interesse em atuações transdisciplinares.

3. Então seria possível começar a organizar, mobilizando comunidades aprendentes e ensinantes, desejosas de fazer de suas aprendizagens escolares pontes múltiplas e complexas, inseparáveis de suas formas de existir, de tal modo, que se exercitassem em ir produzindo suas vidas como obras de arte.

Não se trata, portanto, de procedimentos de autoajuda, tão recorrentes, na atualidade. Pelo contrário. Buscam-se outros tipos de contornos, habitados pela irrupção de maravilhas, de acontecimentos ímpares, surpreendentes, daqueles em que a emoção não é fabricada

e comercializada, como mercadorias “prêt à porte”, mas que se configuram como um “pathos” que toca nos tecidos culturais, políticos, éticos e estéticos com que engendramos o sentido e os significados de nossas vidas.

Dando um passo mais, diremos que esses encontros podem ensinar, assim, um alargamento de nossa capacidade humana de pensar, de atuar, de aprender, de ensinar, de ser, estremeando, não só o “pessoal” que executa ordens e concretiza horrores ou ordenações, mas também, sacudindo entidades antropomorfizadas, pois tanto uns, quanto outras também se relacionam conosco.

4. Portanto, o porto de partida é a formação de lastros comuns, só possíveis quando se vai formando intersubjetividades cooperantes, autônomas e criadoras, praticando observações, escutas, reciprocamente, intensas, à medida que uma equipe de facilitadores, ajuda essa comunidade dialogante, porque ensinante e aprendente, a selecionar as obras de Portinari, que serão trabalhadas nos encontros iniciais.

Pistas metodológicas e possibilidades de produção

“Método é desvio”

Walter Benjamin

Concordamos com Benjamin que o método, como criação e comunicação, nunca se dá em linha reta. É sempre produzido em procuras, errâncias e desvios.

Portanto, se a arte, mesmo quando monumental, como a de Portinari é cheia de sutilezas, para que ela impregne os circuitos escolares vai precisar, como já mencionamos, desviar-se de esquemas simplificadores que tentarão domesticá-la, dissolvendo seus enigmas, suas perplexidades, seus vazios, seus encantos, com procedimentos didáticos. Pelo contrário, é aconselhável cuidados especiais, tais como aqueles que incentivam encontros, interligações de formas de aprender e ensinar, em que cognição e beleza se mesclm, se misturem, fertilizando hipóteses e mil e uma possibilidades de ações.

Em decorrência de todas as argumentações expostas até aqui, estamos convencidas de que cada tela, aquarela ou painel podem para ser captados como um feixe de rizomas, infinitamente vivos, dialogantes e irrequietos que expressam e buscam liberdade, nos instigando a ir além do óbvio.

Desta forma, em cada programa escolar que entrar o Catálogo Raissoné, sua apresentação e apreensão deverá manifestar uma intensa inter-

locução entre questões dos professores e estudantes e questões do Brasil, estetizados por Portinari.

Todas essas propostas se constituem como um tipo de “avant première” em que os protagonistas são convidados a desenhar seus desfechos e desdobrá-los incessantemente ao longo de suas aprendizagens escolares que não se desprendem de suas próprias vidas.

Nas instituições escolares, nas oficinas do Projeto Portinari se abrem redes de possibilidades plurais a serem escolhidas, construídas e inventadas pelos participantes dessa formação (professores e estudantes) que poderão reeditar exposições de Portinari com temáticas e problemáticas de nossa infância e juventude.

Deste modo, poderão perspectivar com arte, encaminhamentos em que conhecimentos e afetos se unam em saltos criadores em que afirmem uma cidadania planetária, própria dos que reconhecem que não nos cabe repetir, pois o mundo se fez tão diverso, tão veloz, que só nos resta re-criá-lo, com a inspiração e o compartilhamentos de gênios como Portinari, convocados também como guardiões de nossa capacidade de escapar da banalização da escola e da vida, para dela fazermos, não só um

permanente laboratório de aprendizagens grávidas de sentidos, voltados ao devir, mas neles funcionando uma fábrica de sonhos éticos e estéticos ■

NOTAS:

1 A versão original deste artigo foi publicada na Revista da UBE – União Brasileira de Escritores, vol.121, p. 21 – 31, 2009

2 Professora Emérita da Universidade Federal Fluminense, Professora do Programa de Mestrado e Doutorado em Educação da UFF; Professora Visitante Nacional Sênior CAPES. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

3 A expressão “globalitarismo”, cunhada por Milton Santos, resulta de uma conexão entre os termos global e totalitarismo, ressaltando os mecanismos homogeneizadores, padronizadores, totalitários com que as nações hegemônicas sufocam as periféricas. Esta dominação se processa através da “tirania da informação” e da “tirania do dinheiro”.

SANTOS, Milton. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal, S.Paulo, Ed. Record. 2000.

4 Esta é uma expressão cunhada por Humberto Maturana e Francisco Varela, fundamentando suas teorizações da Biologia do Conhecimento.

5 Cf: “Ce que m’étonne c’est que, dans notre société, l’art n’ait plus de rapport qu’avec les objets, et non pas avec les individus ou avec la vie; et aussi que l’art soit un domaine spécialisé, le domaine des experts que sont les artistes. Mais la vie de tout individu ne pourrait-elle pas être une oeuvre d’art? Pourquoi un tableau ou une maison sont-ils des objets d’art, mais non pas notre vie?” FOUCAULT, À propos de la généalogie de l’étiq: um aperçu du travail en cours, In: FOUCAULT, Dits et écrits, p. 617.